

A + B (28 set. 1886)

A. – Vinha agora mesmo pensando em Vossa Excelência...

B. – Excelência!

A. – Desculpe-me; foi um jeito que me ficou da conversa que tive com um deputado. E justamente por causa dele é que eu vinha pensando em você; falamos das últimas votações do senado; ele, supondo estar na câmara, disse-me, levantando os braços: – Os acontecimentos precipitam-se de uma maneira vertiginosa.

B. – Que acontecimentos?

A. – Foi o que ele me não quis dizer; ou por discrição, ou porque efetivamente não sabe nada. Chegou mesmo a queixar-se de não perceber em que paravam as modas. Já estive certo da fusão, depois perdeu-a de vista, afinal parece-lhe que é inevitável. Eu, para consolá-lo, falei do *Chapéu de palhinha de Itália*, um *vaudeville* antigo, contei-lhe a ação da peça, e citei-lhe as exclamações do pai da noiva: “Meu genro, tudo está desfeito!” – “Meu genro, tudo está reconciliado!” Expliquei-lhe que o genro era o ministério, e que o senado é o sogro... Disse-lhe mais, que todas as peças, ainda as de cinco atos, acabam sempre; e que para ele toda a questão era dormir cedo ou tarde, com ceia ou sem ceia, – talvez sem ceia... Em suma, duas horas de conversação...

B. – Noto uma coincidência.

A. – Qual?

B. – Você citava um *vaudeville* antigo; eu pensava na Ópera Nacional...

A. – Não a conheci; estava fora da corte por esse tempo.

B. – A Ópera Nacional foi uma instituição que aqui houve para cantar óperas italianas, traduzidas pelo De Simoni. Quando menos pensava, deu-nos o Carlos Gomes... Se todas as instituições deixassem assim alguma coisa... Bons tempos! Estou

a ver o Ribas, o Amat, o Trindade, sem contar as damas. Tempos deliciosos! Cantavam-se óperas sérias, óperas bufas e zarzuelas.

A. – Mas a que propósito?

B. – Uma dessas peças (e foi isto que me fez pensar na Ópera Nacional) tinha por título: *Eran due, or sono tre*. Eram duas...

A. – Agora são três.

B. – Justo. Pensei no título por causa das chapas senatoriais, que eram duas, uma conservadora, outra liberal; mas a liberal dividiu-se, e aí ficam três.

A. – Mas por que é que se dividiria, sendo já difícil a luta de uma só?

B. – Por causa dos princípios. Meu caro, os princípios valem alguma coisa; é preciso contar com eles. Por exemplo, eu não li a circular do Malvino.

A. – Li-a eu.

B. – Sim? Não a li, mas aposto que lá vem certo número de princípios: autonomia municipal, temporariedade do senado, grande naturalização, casamento civil, alargamento do voto, federação das províncias...

A. – Vá-se embora! Você leu a circular.

B. – Não li.

A. – Leu-a, por força; como é que se pode, sem ler...

B. – Não li, homem de Deus! é que os princípios, ora são princípios, ora são favas contadas. Parece que foram eles ou elas, ou só um deles, a causa da divisão da chapa liberal, e da criação de outra abolicionista, que, se vencer, mete o Beaurepaire-Rohan no senado.

A. – Sim? Acho que tem real merecimento; mas, por que não será um dos outros?

B. – Não pode ser. O Bezerra também tem serviços, mas não se pode servir a dois senhores, – ou ao Baependi ou a Allan Kardec.

A. – Bem; o Eduardo...

B. – Seria um grande prazer para os seus amigos; mas, custa dizê-lo, neste país de dispêndios à larga, o Eduardo ficava à porta; ele, que foi tão econômico quando esteve no ministério, era capaz, entrando no senado, de propor logo a supressão do cabide dos chapéus, com o venerável pretexto de que no parlamento britânico todos estão de chapéu na cabeça, ou em cima das pernas.

A. – E da outra quem lhe parece que entraria?

B. – Creio que o Malvino. E creia que, se não for agora, há de ser um dia; havemos de vê-lo entrar. Ele é dos sinceros e ingênuos; e lá está no evangelista: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus”. – Deus aqui é um sinônimo do conde de Baependi.

A. – Mas diga-me cá uma cousa...

B. – Não posso; vou correndo para o Liceu de Artes e Ofícios, vou à conferência materialista.

A. – Com esta chuva? Diga-me cá...

B. – Não digo nada.

A. – Olhe não falte ao Banco do Brasil no dia 28. Temos a eleição do diretor e presidente, e aqui não há princípios, são tudo meios. Você sabe que há o diabo. É o caso da Ópera Nacional: *Eran due, or sono tre*.

B. – Adeus, adeus.

A. – Mas qual a tese dessa conferência, que você não quer perder?

B. – É esta: “Se a direção do materialismo científico pode ser ou não vantajosa aos seres organizados”. Ora, eu tenho um gato de muita estimação, que não está no caso em que S. Mateus manda que se faça alguma distinção entre o filho da casa e o cão da rua. O gato é também de casa; e eu quero ver se nos pode aproveitar a ambos a direção do materialismo científico.

A. – Ah! meu caro, você cita os santos, eu cito os gentios. “Felizes os que podem conhecer a origem das cousas,” – e (acrescento eu) e explicá-las entre o almoço e o jantar. Adeus.

JOÃO DAS REGRAS [MACHADO DE ASSIS]
[*Gazeta de Notícias*, p. 1, 28 set. 1886]
Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda